

QUANDO OS DESCONHECIDOS ATRAVESSAVAM NOSSA CIDADE

Ruth Lee NA REVISTA LIVE [MORAR]

Aos sete anos, o fato de não ter mãe levou-me a estar muito tempo com minhas amigas. As mães delas sempre sorriam quando corrigiam meus modos, ou quando abrandavam as irritações que apareciam em momentos em que não eram necessárias.

Eu ouvia suas palavras. Sabia o que estavam fazendo quando me tratavam como se fosse filha delas: tentavam preencher o vazio da "ausência materna" em minha vida.

- Meninas! Meninas! Onde vocês estão? Vamos, apressem-se e voltem para casa.

Sabíamos o que o chamado de uma mãe indicava.

Quando estávamos seguras no interior da casa, podíamos olhar, através das cortinas de renda, o homem em farrapos, com um saco de juta jogado sobre os ombros, arrastando os sapatos velhos e gastos ao longo da calçada.

A rota do aço trazia uma procissão constante de trens que atravessavam a pequena cidade no Meio-Oeste onde cresci. Enquanto alguns passageiros viajavam confortavelmente em assentos de pelúcia castanha escura, outros se ajeitavam, espremidos, em cantos de vagões vazios, os destinados ao transporte de carga.

A Depressão estava perto do fim, ou pelo menos era o que os jornais diziam, mas em nossa comunidade rural tínhamos poucas evidências para apoiar essa afirmação, pois os homens nômades continuavam a bater à porta de nossas casas, pedindo um prato de comida em troca de algum trabalho.

Depois que os homens desconhecidos passavam, podíamos retomar nossa brincadeira, mas, muitas vezes, as brincadeiras não ocupavam mais minha mente. Despedia-me e ia para casa.

Quase sempre, quando chegava em casa, no limite da cidade, o homem que vira através das cortinas de renda na casa de minha amiga estava sentado com meu pai na porta dos fundos da cozinha, e, no colo do desconhecido, repousava um prato azul de madeira, muito cheio, com as sobras da noite anterior.

Certa vez, quando perguntei em frente a um desses desconhecidos: "Por que aquele mendigo velho está comendo em um de nossos melhores pratos?", meu pai me repreendeu com um olhar do tipo: "Vamos falar sobre isto mais tarde".

- Minha filha - explicou ele - a maioria desses homens que você vê atravessando a cidade está passando por um momento difícil. Muitos deles são homens de família tentando ganhar algum dinheiro - para enviar aos familiares ou para conseguir voltar para junto daqueles que eles amam.

Meu pai não tinha um diploma para colocar em um quadro e pendurar na parede, mas era um estudioso, um aprendiz que procurava entender a natureza humana. Ele percebia as pessoas de maneira diferente do que a maioria do povo, pois sempre buscava a razão que

levava um indivíduo a agir de determinada forma. E, quando descobria o que havia no interior desse indivíduo, ele se empenhava para compreender o que essa pessoa poderia vir a ser, se apenas uma meia chance lhe fosse oferecida.

Hoje já sou adulta, e muitas coisas estão bem diferentes.

Nosso governo cuida da distribuição de comida, e acho que isso também é bom. Eu ainda encontro muitas pessoas que me lembram as mães de minhas amigas, que nos chamavam para o interior das casas fazendo-nos abandonar nossas brincadeiras, mas não conheço muitas pessoas que me lembram meu pai.